extremos
34° Encontro Nacional anpap FURG Rio Grande/RS

PERCURSOS DA MEDIAÇÃO ATEMPORAL: MATERIAIS EDUCATIVOS, ACERVOS E PRÁTICAS COTIDIANAS

PATHWAYS OF ATEMPORAL MEDIATION: EDUCATIONAL MATERIALS, COLLECTIONS AND EVERYDAY PRACTICES

Renan Silva do Espirito Santo[1]
Doutorando em Artes - Universidade Federal de Pelotas
Associado/a/e ANPAP: Não

Ursula Rosa da Silva[2]
Reitora / Professora Titular - Universidade Federal de Pelotas
Associado/a/e ANPAP: Não

RESUMO
Este artigo propõe uma reflexão sobre os modos como materiais educativos produzidos por instituições culturais transitam entre seu próprio espaço cultural e o espaço escolar, a partir da ideia de acervo docente e do conceito de *mediação atemporal*. A discussão é construída como fragmento de um contexto que surge de experiências vividas a partir da pesquisa desenvolvida junto ao Doutorado em Artes da Universidade Federal de Pelotas, voltada à escuta das práticas docentes e à reinvenção dos materiais culturais no cotidiano do ensino em arte. O texto apresenta o conceito de *mediação atemporal* como um gesto contínuo de criação, que se sustenta no gesto criador do professor e na possibilidade de prolongar sentidos para além do tempo da visita ou da ação cultural pontual.

Palavras-Chave: Materiais educativos. Acervo docente. Mediação cultural. Educação em arte. Mediação atemporal.

ABSTRACT
This article proposes a reflection on how educational materials produced by cultural institutions circulate between their original cultural space and the school environment, based on the notion of the teacher's collection and the concept of atemporal mediation*. The discussion is constructed as a fragment of a context that emerges from experiences within the research developed by the Doctoral Program in Arts at the Universidade Federal de Pelotas, focused on listening to teaching practices and on the reinvention of cultural materials in the daily context of art education. This essay presents the concept of* atemporal mediation *as a continuous gesture of creation, sustained by the teacher's authorship and by the possibility of extending meaning beyond the time of the visit or the cultural action itself.*

KEYWORDS**:** *Educational materials. Teacher's collection. Cultural mediation. Art education. Atemporal mediation.*

Sobre os percursos da pesquisa

O texto aqui proposto parte do percurso investigativo que se constrói no encontro de novas possibilidades nas práticas de ensino da arte, na utilização de materiais educativos desenvolvidos por instituições culturais e nos modos como a mediação cultural pode ser reinventada no cotidiano escolar a partir desses pontos. Longe de ser um propositor de uma sistematização de resultados ou de se apresentar verdades fechadas, o que está aqui apresentado parte da experiência de pesquisa como gesto contínuo de escuta, deslocamentos e reflexão de práticas.

Pensar os materiais educativos produzidos por instituições culturais é pensar também sobre suas potências e limites enquanto extensões da experiência estética, especialmente quando atravessam o tempo da exposição que o acompanha e chegam a sala de aula. O que acontece quando esses materiais ultrapassam a visita, a experiência da presença? Que mediações se tornam possíveis quando o professor se permite recriar sentidos a partir desses recursos?

As inquietações que sustentam este texto foram elaboradas ao longo da investigação de mestrado e ganham novo fôlego no doutorado em percurso junto à Universidade Federal de Pelotas. A noção de *mediação atemporal*, aqui apresentada, surge justamente como tentativa de nomear e expandir práticas silenciosas de continuidade, nas quais o professor se afirma como sujeito mediador não apenas de conteúdos, mas de mundos. Este artigo, portanto, não se propõe a apresentar uma trajetória concluída, mas a compartilhar fragmentos de uma caminhada e de conexões que vêm se construindo entre acervos, tempos e cotidianos.

Entre práticas e acervos: a experiência da escola diante de materiais educativos culturais

A pesquisa desenvolvida no mestrado em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pelotas, e que agora através do doutorado do mesmo Programa de Pós-graduação busca aprofundar seu conceito e aplicações, tem como objetivo observar como os materiais educativos produzidos por instituições culturais, especialmente museus e espaços de arte, se inserem (ou não) no cotidiano das práticas pedagógicas escolares. Compreendendo esse material educativo como mais do que um suporte didático, buscou-se investigá-lo como um potencial dispositivo de mediação cultural e de expansão de sentidos a partir da apropriação crítica por professores em seus próprios contextos formativos e práticas educativas.

Para isso, a pesquisa desenvolvida assume uma abordagem qualitativa e exploratória, valendo-se da análise de materiais produzidos por instituições culturais, entrevistas com professores de arte da rede pública e observações de ações educativas em ambientes culturais proporcionadas por equipes de programas educativos. As falas dos docentes acabam por revelar tanto o interesse quanto às dificuldades enfrentadas no uso desses recursos, ora pela ausência de continuidade entre a experiência cultural junto a espaços de fomento de arte e cultura e a prática docente, ora pela falta de tempo, apoio escolar ou caminhos formativos que favoreçam a apropriação significativa desses materiais.

Em uma primeira etapa do estudo realizada foi evidenciado que, por muitas vezes, os materiais educativos produzidos por esses espaços de cultura seguem sendo desenvolvidos à lógica da visita expositiva, operando sobretudo dentro de uma temporalidade limitada e, ainda que presente a preocupação com o processo formativo de educadores, frequentemente encontra-se dissociada do cotidiano escolar. Nesse cenário, mostra-se crescente a necessidade de se pensar formas mais flexíveis e atemporais de mediação, nas quais o professor não apenas utilize o material, mas também o (re)signifique a partir de suas experiências, contextos e

intencionalidades pedagógicas. Essa urgência de ressignificação também se relaciona com as transformações no próprio ensino da arte nas últimas décadas. Como aponta Ana Mae Barbosa:

> Os meios que Serota indica como contemporâneos para pendurar obras em museus correspondem à maneira como se busca ensinar arte atualmente, enfatizando a recepção pelo apreciador e não apenas a obra e seu produtor. A leitura dos campos de sentido da arte é o cerne de seu ensino neste início de século. A História ganha importância como contexto que dialoga com outros contextos na decodificação da obra e do sentido. (BARBOSA, 2009, p.16)

Nesse sentido, os materiais educativos se tornam mais do que apoios didáticos, alcançando o espaço de disparadores de leitura, de contexto e de escuta, exigindo que o professor atue como alguém que mobiliza sentidos e constrói articulações entre diferentes mundos e tempos contidos em seu próprio contexto no qual deseja desvelar. É esse deslocamento que sustenta a emergência de propostas como a *mediação atemporal*, que rompe com a linearidade da visita e propõe repensar o uso desses materiais culturais como potência da (re)interpretação. Ao longo do percurso, tornou-se central compreender o papel do professor como alguém que não apenas ensina conteúdos, mas que também realiza uma mediação do mundo dentro do espaço de aula, como nos lembra Jorge Larrosa (2018). E observando pela perspectiva dessa pesquisa, essa mediação não se dá apenas no encontro com a obra de arte ou com o acervo institucional de espaços culturais, mas também na escuta do cotidiano, na atenção ao sensível e na reinvenção das práticas de ensino.

Pensando acerca dessas experiências, o uso dos materiais culturais em sala de aula possibilitam o acesso a novos diálogos propostos em espaços expositivos, podendo trazer à luz uma diferentes formas de se apresentar determinado tema ou ainda, possibilitado pelo distanciamento histórico, reapresentar formas de pensar que potencializam discursos contemporâneos. Portanto, ao ser retirado do espaço expositivo e disponibilizado a educadores de diferentes áreas que frequentam e consomem cultura, esse material tende a ser integrado a um acervo docente que reúne uma diversidade única de discursos e práticas possíveis. Foi nesse sentido que se delineou o conceito de *mediação atemporal*, entendido como uma postura

investigativa e criativa diante desses materiais culturais, capaz de prolongar seus efeitos e significados para além do momento da visita ou da ação/intenção original ao que foi gerado.

Mediação atemporal: entre o sensível, o gesto docente e o material educativo

A noção de *mediação atemporal* é entendida, portanto, como resposta às limitações percebidas no uso dos materiais educativos quando estes permanecem presos ao tempo da exposição e a uma mediação cultural institucional. Em contraste com essa lógica, é proposta aqui uma mediação que se sustenta na possibilidade de ressignificação contínua dos materiais, realizada pelo professor que atua como mediador entre a obra, o acervo e o mundo vivido da escola.

Durante a primeira parte da pesquisa desenvolvida, o que se revelou nas entrevistas e observações não foi a ausência dos materiais, mas uma presença descontínua, marcada por tentativas de integração, adaptações espontâneas, usos criativos e reorganizações de conteúdos. Nessas práticas, o material cultural deixava de ser algo vinculado exclusivamente à instituição de origem e passava a compor o cotidiano da escola como parte orgânica do planejamento e da sensibilidade do professor.

Essa possibilidade de atribuir novos sentidos a objetos e materiais deslocados de seu contexto original aproxima a prática docente de uma lógica que, no campo da arte, é discutida por Marcel Duchamp ao apresentar objetos banais como obras, transformando-os a partir de um gesto de escolha e intenção. Inspirado nessa concepção, o professor ao operar esse deslocamento realiza um ato criador, não no sentido da invenção do nada, mas como proposição de novos vínculos e leituras possíveis. Esse gesto, silencioso e cotidiano, é parte essencial do que se entende por *mediação atemporal*: uma forma de prolongar e reinventar sentidos a partir da escuta, da experiência e da intencionalidade pedagógica. Como afirma o autor:

> [...] o ato criador não é executado pelo artista sozinho; o público estabelece o contato entre a obra de arte e o mundo exterior, decifrando e interpretando suas qualidades intrínsecas e, desta forma,

> acrescenta sua contribuição ao ato criador. Isto torna-se ainda mais óbvio quando a posteridade dá o seu veredicto final e, às vezes, reabilita artistas esquecidos. (DUCHAMP, 1957, p. 74)

Assim como Duchamp transfere ao público parte da autoria da obra, o professor, ao interpretar e (re)posicionar os materiais em seu cotidiano, contribui decisivamente para o processo criativo que sustenta a *mediação atemporal*. Esse tipo de apropriação também foi evidenciado em práticas como a da professora que afirmou:

> [...] pedi para os alunos do 8º ano organizarem e selecionarem imagens de fotografia analógica disponíveis em uma caixa do Itaú Cultural porque estávamos estudando a função de curador e montador de exposição. A proposta que tinha da caixa não era essa, mas as imagens se prestavam bem para simular uma exposição." (ESPIRITO SANTO, 2022, p.117)

Essa fala evidencia que o gesto do professor não é de aplicação, mas de criação. Ao reinterpretar o material para uma nova finalidade, o docente faz do educativo um campo poético de invenção, carregando a mesma potência de deslocamento e produção de sentido. Depoimentos como esses evidenciam a potencialidade de atemporalidade da mediação não se limitando ao instante do encontro, mas permanecendo como possibilidade de retorno, redescoberta e recontextualização. Dessa forma, o conceito aqui apresentado não é apenas uma estratégia metodológica, mas um deslocamento de perspectiva: trata-se de recusar a ideia de que a mediação só se realiza no encontro com o outro (educador de museu, artista, instituição), e reivindicar o direito de que o professor também seja autor de mediações, mesmo quando sozinho e à margem dos grandes centros culturais.

Bell Hooks (2017) e Paulo Freire (2011), ao abordarem sobre o ensino como um ato de esperança e transformação, reforçam também a importância de práticas pedagógicas que partem da experiência vivida. É na experiência que o material educativo ganha nova vida, seja ao ser retirado de um acervo pessoal construído pelo docente e retomado meses depois de uma visita ou ainda ao ser integrado a discussões que ultrapassam o próprio discurso da arte e adentram o território da vida cotidiana dos estudantes. Assim sintetiza Igor Simões em uma entrevista realizada:

> A condição real de vida de um material educativo não é apenas aquela da ordem do tempo de duração da exposição, a vida de material

> educativo é muito longa, ela dura vários tempos e ele precisa, dentro do possível, estar o mais possivelmente aberto a esses diferentes tempos que ele vai estar exposto, uma vez em que muitos grupos, em muitos momentos, vão lançar mão desse material. Ele tem que ter um espaço aberto para criação por parte desses públicos e levar em conta que ele vai ser usado, que ele vai ter um uso para além da duração da exposição. (ESPIRITO SANTO, 2018, Apêndices)

Essa compreensão contribui para a perspectiva de que o uso desses materiais educativos culturais precisam ser pensados não apenas como recursos imediatos, mas como objetos passíveis de reinvenção, reuso e reconexão, conforme os gestos e contextos de quem os acolhe. Reconhecer o ato criador, assim como o de Duchamp, como base da *mediação atemporal* permite deslocar o olhar da técnica para o gesto. Esse movimento não apenas valoriza a ação e intenção do professor, mas também ilumina um modo de estar com esses materiais que é flexível e em constante reinvenção.

Assim, o conceito discutido propõe um modo de estar com esses materiais educativos produzidos por instituições culturais que apostam na criação de acervos, que se constituem no entrelaçamento entre o que se recebe e o que se transforma, entre o que se oferece e o que se acolhe. Trata-se de reconhecer uma forma de mediação presente no cotidiano de muitos professores, ainda que por vezes invisibilizada. Dar nome a essa prática é também fortalecer sua presença e ampliar as possibilidades de articulação entre escola, cultura e experiência.

Desdobramentos de uma pesquisa em andamento

A discussão levantada ao longo deste artigo busca tornar visível um gesto silencioso, porém potente, presente nas práticas docentes: a intenção por uma mediação como (re)invenção de práticas e sentidos atribuídos à materiais educativos culturais que constituem acervos pessoais, revelando o professor como sujeito que escuta e transforma.

Ao deslocar o uso dos materiais para além do espaço e da presença contida na visita institucional (re)intregrando-os ao seu próprio contexto, o professor acaba por ampliar

a vida desses materiais e a propor novos encontros possíveis entre arte, cultura e cotidiano escolar. Esse movimento aqui relacionado ao ato criador proposto por Duchamp, torna-se uma prática educativa que revisita o que já foi criado e o (re)utiliza a partir de sua própria intenção.

Ao reconhecer essa prática como *mediação atemporal*, pretende-se por assim oferecer um conceito que proporciona novos caminhos, (re)conhecendo modos de estar com os materiais educativos culturais e de se construir pontes entre mundos. A pesquisa que segue em andamento no doutorado no momento de apresentação dessa escrita, segue acompanhando esses gestos sensíveis, escutando atentamente seus ecos e buscando, assim, compreender como a constituição desses acervos docentes são compreendidos como práticas educativas e, sobretudo, de uma mediação que não apenas atravesse o tempo, mas que também seja construída por ele.

Como apresentação de um fragmento em desenvolvimento, o texto deseja trazer à luz a potência do atravessamento das práticas cotidianas através da coleção pessoal de vozes e discursos, onde a mediação se torna não apenas uma prática, mas uma forma de (re)existência.

Referências

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. Arte/Educação como Mediação Cultural e Social. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009. 351p.

DUCHAMP, Marcel. O ato criador. In: BATTCOCK, Gregory (org.). A nova arte. São Paulo: Perspectiva, 1986. p. 71-74.

ESPIRITO SANTO, Renan Silva do. MEDIAÇÃO ATEMPORAL: materiais educativos institucionais e o acervo docente. 2022. 200p. Dissertação – Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

ESPIRITO SANTO, Renan Silva do. PROFESSOR-CURADOR-MEDIADOR: paralelos da mediação cultural na formação docente. 2018. 94p. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Curso de Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler em três artigos que se completam: Volume 22 (Coleção Questões da Nossa Época) (Locais do Kindle 555-564). Cortez Editora. Edição do Kindle. 2011.

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LARROSA, Jorge. Esperando não se sabe o quê: Sobre o ofício do professor. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. 528 p.

Notas

[1] Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade Federal de Pelotas, com bolsa de pesquisa financiada pela CAPES. Possui Licenciatura em Artes Visuais pela UFPel (2018) com período sanduíche na UEVORA, Especialização em Artes pela UFPel (2021), Práticas Curatoriais pela UFRGS(2020) e Mestrado em Artes Visuais pela UFPel (2022). Contato: renan.ssanto@hotmail.com. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/3316505581757934

[2] Reitora e Professora Titular da Universidade Federal de Pelotas. Possui Licenciatura Plena em Filosofia pela UCS (1988), mestrado em Filosofia (1992) e Doutorado em História (2002) pela PUCRS e Doutorado em Educação pela UFPel (2009). Contato: ursularsilva@gmail.com. Currículo Lattes: http://lattes.cnpq.br/2360365860775097